

Lucrécia ou Joana D'Arc?

Josemar Dantas

3 MAI 1991

No Brasil, a emoção corrompe tanto quanto o dinheiro. São frequentes os casos de calhordas serem enaltecidos até o delírio, depois de mortos. Governantes bisonhos, embrutecidos pelo exercício despótico do poder, costumam passar ao registro histórico como verdadeiros estadistas. Alguns generais que vilipendiaram a Nação no último e prolongado recesso das instituições democráticas já hoje aparecem retratados como "patriotas". Na verdade tiveram o porte sinistro dos tiranos, personagem comum no ensandecido espaço político da América Latina, e o embotamento mental das nulidades absolutas.

Não admira, pois, que a "morte" da equipe econômica responsável pelo assim mal patizado Plano Brasil Novo tenha desatado comoção e pieguice. Tanto e de tal forma que, até mesmo em redutos antes matriculados nas disciplinas ferrenhas da oposição, se ergueu a litania insólita das lamentações e um coro de carpideiras digno da dramaturgia helênica. De repente, aquela personagem, talhada ao feitio de Lucrécia Bórgia tomou, na pena de alguns expoentes da crônica política, o perfil estoico e cristão de Santa Joana D'Arc.

No Brasil, como na América Latina, vale-nos Garcia Marquez, os santos não precisam fazer milagres. São de logo canonizados.

Mas há um compromisso que transcende às manifestações do sentimentalismo. Trata-se de buscar a verdade, fazê-la resplandecer acima das perturbações do espírito e da emoção tangida ao largo da racionalidade. Também é indispensável não ceder à catequese propagandística expressa na proclamação de êxitos inexistentes, com a articulação de dados e estatísticas inteiramente falsos.

Quando transferiu o templo ao seu sucessor, a malfadada sacerdotisa da economia

brasileira galardou-se com a honra de haver dominado a inflação, derrotado os cartéis e oligopólios, estabelecido a competitividade industrial e obtido **superavit** de por um cento nas contas públicas. E se declarou deposita por estar solidária com os **descamisados**. Jamais se viu tantas invencionices ditas com tamanha solenidade.

A inflação veio do patamar zero em março de 1990, quando houve a expropriação dos ativos financeiros privados e a decretação do primeiro congelamento de preços, para 22 por cento no mês de janeiro deste ano. Por certo, iria retornar rapidamente aos 84 por cento do governo Sarney, caso esse percentual, alcançado em março de 1990, não tivesse sido expurgado, um por assim dizer efeito **mandrake**, e outro congelamento de preços não houvesse sido imposto à Nação. Mesmo assim, a inflação aí está, com o bico empinado. Os oligopólios permanecem impávidos. Ao anúncio de uma devassa na multinacional Autolatina, trombeteada como guerra aos cartéis, sucederam-se aumentos contínuos nos preços dos veículos, hoje postados muito acima da inflação. A Ford mimoseou o Palácio do Planalto com três luxuosas limousines, cedidas por comodato. Depois, caiu sobre o assunto uma cortina de silêncio. O **superavit** nas contas públicas é apenas uma mentira, porque resulta de uma fraude monumental, ou seja, a apropriação de três bilhões de dólares da Previdência para suprir o **deficit** de Caixa do Tesouro, segundo confessou a antiga titular da equipe econômica perante a CPI do Congresso. Quanto ao programa de competitividade é apenas intenção lançada no papel, sem o suporte de qualquer providência operacional. E, para os **descamisados**, restou o consolo de se juntarem a mais três milhões de desempregados.

Para cultivar a verdade, é preciso distinguir Lucrécia de Joana D'Arc.